

livro

ANA ELISA RIBEIRO

livro

Edição e tecnologias no século XXI



contafios

© Ana Elisa Ribeiro . © Contafios . © Moinhos

Edição: Camila Araujo, Nathan Matos e Pablo Guimarães

Diagramação e Projeto Gráfico: Contafios

Capa: Luís Otávio

COLEÇÃO PENSAR EDIÇÃO

Coordenação

Ana Elisa Ribeiro, Nathan Matos e Pablo Guimarães

Conselho Editorial

José de Souza Muniz Jr. (CEFET-MG)

Luciana Salazar Salgado (UFSCar)

Luís Alberto Brandão (UFMG)

Márcio Gonçalves (UERJ)

Marília Barcellos (UFSCar)

Paula Renata Melo Moreira (CEFET-MG)

Sergio Karam

R4841 Ribeiro, Ana Elisa

Livro: edição e tecnologia no século XXI / Ana Elisa Ribeiro. -
Belo Horizonte, MG: Moinhos; Contafios, 2018.
164 p. : il. ; 14cm x 21cm. – (Pensar Edição)

ISBN: 978-85-45557-55-5 (Moinhos)

ISBN: 978-85-906597-0-9 (Contafios)

1. Edição. 2. Livro. 3. Leitura. 4. Produção editorial.
5. Editoração. I. Título. II. Série.

CDD 070.5

CDU 070.4

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

Editoração 070.5

Editoração 070.4

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Contafios
contato@editoracontafios.com.br

Editora Moinhos
contato@editoramoinhos.com.br

Agradeço a generosidade de José Luis de Diego.
Dedico a Sérgio Karam, por todos os interesses compartilhados.

O livro é muitas coisas. Um receptáculo da memória, um meio para superar as limitantes do tempo e do espaço, um lugar para a reflexão e a criatividade, um arquivo de nossa experiência e da dos outros, uma fonte de iluminação, de felicidade e, em certas ocasiões, de consolo, uma crônica de eventos passados, presentes e futuros, um espelho, um companheiro, um mestre, uma convocação dos mortos, um divertimento; um livro, em suas muitas encarnações, da tabuleta de argila à página eletrônica, tem servido, por muito tempo, como uma metáfora de muitos de nossos conceitos e empresas essenciais.

Alberto Manguel

El viajero, la torre y la larva, El lector como metáfora
(trad. do trecho Ana Elisa Ribeiro)

Sumário

Apresentação, 11

1. Questões provisórias sobre literatura e tecnologia: um diálogo com Roger Chartier, 15

2. Autor, editor e livro literário: cenas contemporâneas das tecnologias do livro, 41

3. Ler na tela: o que é, hoje, um livro?, 59

4. O que é e o que não é um livro: materialidades e processos editoriais, 75

5. O bibliógrafo digital: questões sobre a materialidade do livro no século XXI, 91

6. Literatura contemporânea brasileira, prêmios literários e livros digitais: um panorama em movimento, 107

7. Redes de edição e redes sociais: cruzamentos e questões, 137

Nota, 163

Apresentação

Ana Elisa Ribeiro

A edição é um saber e uma prática há séculos, talvez milênios, mas titubeia como campo de formação profissional e de pesquisa, ressentindo-se ainda, como disse em entrevista o professor argentino Jose Luis de Diego, de debilidade institucional. Na verdade, muitos pesquisam algo no campo da edição, mas não têm completa noção disso ou precisam se encaixar, institucionalmente, em outro campo, mais reconhecido, legitimado e estabelecido. Foi esse meu caso em muitos trabalhos e continuará sendo, embora seja cada vez mais possível estudar, pesquisar e formar-se em edição, sem maiores problemas ou sem necessidade de ajustes, adaptações e distorções.

É no sentido de explicitar a edição como campo de pesquisa que venho trabalhando, há vários anos. Uma hora encontro espaço na Comunicação Social, outra hora na História – grande parte dos nossos pesquisadores mais conhecidos vem da história cultural, outra ainda da Sociologia, ainda outra das Letras, mais especificamente da Literatura. E há uma dificuldade em estabelecer um olhar de Edição, sem a interveniência necessária de algum desses campos mencionados. Isso não é desprezar nenhum deles, fique claro, mas é dizer que há um modo específico de considerar, mirar, pesquisar e compreender a edição, inclusive em diálogo com eles, um diálogo mais simétrico, no caso.

Tenho preferido pensar a edição na área de Letras, já que tenho formação consistente aí, mas também tenho preferido considerar que a Edição seja mais uma subdivisão da área, e não um campo menor dentro da Literatura, por exemplo, uma vez

que as materialidades do editado importam, muita vez, mais que a própria literatura, segundo o ângulo que se tome. Questões como o design do livro, sua venda, sua circulação, suas etapas de produção e outras até que não toquem exatamente o livro (mas o jornal, a revista, o vídeo, etc.) podem ser minimizadas quando dentro de um campo estabelecido, com seu modo de mirar o objeto que raramente quer jogar luz sobre a materialidade.

É possível estudar edição e selecionar, como fundamentação teórica, um construto da Antropologia, da Sociologia (como comumente se faz, com Pierre Bourdieu, por exemplo), da História (Darnton e Chartier, para mencionar apenas dois dos mais recentes), da Teoria Literária, da Análise do Discurso, etc. Mas é possível fazer isso tomando de empréstimo as teorias, sem sair de um ângulo que, a rigor, não é nenhuma dessas áreas. É, sim, a Edição.

Em alguns poucos programas de pós-graduação brasileiros, é possível aprovar um projeto de pesquisa em edição, mas dentro de um programa em Literatura. Isso pode servir aos que entendem edição e livro como sinônimos de literatura ou aos que se esquecem de que livros podem conter uma infinidade de outros gêneros, textos, conteúdos, tão ou mais importantes e relevantes para a Edição do que a literatura, se consideramos a necessidade de estudarmos processos de criação, inclusive em design, ou circulação e consumo. Um livro pode ser visto de outros ângulos e passar ao longe da questão propriamente literária que pesa sobre ele. Isso chegará a ser reconhecido, é claro, mas estará explicitamente fora do foco, para a ocasião. Ou de outro ponto de vista: é comum que a literatura não seja feita e circule em livros. Outros modos de editar portanto, e não apenas o que se consagra, podem ser objeto de investigação.

Pensando em eventos, como congressos e seminários, é raro encontrar, no Brasil, oportunidades de discussão de aspectos variados da edição. Há poucos eventos especializados e algum

espaço dentro de eventos de tema mais amplo. O que ocorre é que, geralmente, só é possível conquistar o espaço de um simpósio ou grupo de trabalho sobre edição em um evento de Literatura. Esse simpósio ou GT estará, portanto, subordinado aos estudos literários, o que pode não ser o caso dos trabalhos submetidos ou, pior, o que pode afastar os trabalhos de pesquisadores que não se identificam com o objeto literário. Na Linguística isso é ainda mais acentuado, restando pouquíssimos espaços de discussão de aspectos discursivos ou gramaticais implicados na edição.

É preciso fazer que a edição como campo de estudos, de formação e de pesquisa salte aos olhos, explicita-se, abra espaço ao lado dos campos mais estabelecidos da Linguística e da Literatura, para mencionar os dois eixos mais fundamentais da formação em Letras, a despeito de as formações e profissões da edição estarem explicitadas em documentos oficiais da área de Letras há décadas. É preciso pesquisar e se formar em edição, aprendendo a mirar objetos e problemas, inclusive repensando metodologias, para um campo configurado, evitando que ele seja sempre menor, tangencial ou marginal. É nesse sentido que reúno os trabalhos que aqui estão e que pretendem focalizar aspectos mais francamente que tocam as reflexões da produção editorial, das redes do livro e de outros objetos da leitura, sempre em diálogo com outros campos do saber, do lugar do pesquisador da edição, e não algum outro que pareça fazer a ela o favor de abrigá-la. Não é favor.

1. Questões provisórias sobre literatura e tecnologia: um diálogo com Roger Chartier

Quero começar com José Saramago, na afirmação do protagonista da *História do Cerco de Lisboa*, edição brasileira de 1989, que me custou prosseguir na leitura, já que cada parágrafo exigia-me renovada reflexão:

Agora me ocorre que tanto o Eça como o Balzac se sentiriam os mais felizes dos homens, nos tempos de hoje, diante de um computador, interpolando, transpondo, recorrendo linhas, trocando capítulos, E nós, leitores, nunca saberíamos por que caminhos eles andaram e se perderam antes de alcançarem a definitiva forma, se existe tal coisa. (SARAMAGO, 1989, p. 13)

O trecho, que surgia logo nas primeiras páginas do calhamaço que tem como protagonista um revisor de textos, foi capaz de me deter até a atualidade (e foi lido muitos anos atrás). Nessas linhas, Saramago consegue fazer confluírem questões relacionadas à produção editorial contemporânea, mais especificamente no campo literário, aventando possibilidades, no entanto improváveis – por citar autores mortos –, ligadas aos modos de escrever, em sua face mais íntima e mais particularmente técnica. Está em foco o momento do escritor, isto é, seus modos de produzir textos, seu equipamento e suas artimanhas de edição (escrita, reescrita, revisão, interpolações, transposições e recorrências). Ainda: a maneira como o escritor maneja o texto na composição de uma peça literária.

Do ponto de vista de quem produz o texto, sem deixar de antes ter sido leitor de outros, a grande e suposta felicidade seria

poder manipular com mais facilidade as frases, os parágrafos e as palavras, inclusive tornando difícil, se não impossível, a revelação posterior desses caminhos de edição textual, onde o autor também se encontra e se perde (e não apenas o leitor). Não se sabe se a tal felicidade seria, então, obter um equipamento que propiciasse o manejo mais fluido do texto ou que permitisse o resguardo dos segredos da produção. É importante, no entanto, lembrar que quem diz isso é um protagonista revisor de textos, isto é, uma figura que atua sobre o texto do autor, sem sê-lo, ou ao menos sem obter os créditos de coautor¹.

No entanto, não resta esquecido o leitor. Embora, como supõe o narrador do *Cerco*, Balzac ou Eça pudessem gostar de editar nos editores de texto eletrônicos, ao modo dos escritores de hoje, em massa, não poderiam, talvez, registrar seus avanços e recuos na escrita de suas obras. Eis uma questão que incomoda a crítica genética, que tratou, de maneira valiosa, das origens e metamorfoses do texto literário com base em, por exemplo, originais rasurados, rabiscados e reescritos, pelo próprio autor, principalmente. Tal registro provavelmente terá sido apagado dos livros atuais, exceto para o caso de algum autor de antemão preocupado com a escavação de sua própria história.

Também não ficou esquecido o texto, em sua inalcançável “definitiva forma”. “Se existe tal coisa” é a expressão modalizadora necessária quando se considera, adequadamente, que dificilmente um escritor fica satisfeito com sua produção, ao ponto de chamá-la “pronta”, sem alguma sombra de dúvida, e, de outro lado, todo leitor lerá de modo criativo e preenchedor uma obra literária, quanto mais leitor for.

¹ Luciana Salazar Salgado tem se dedicado a uma discussão mais contemporânea sobre a autoria, inclusive do ponto de vista da revisão textual. Ver, por exemplo, Salgado (2011; 2013). É provável que se tenha de passar pelas discussões sobre autoria mais conhecidas entre nossas referências, tais como Foucault e Barthes, nos quais não me deterei aqui. (ver FOUCAULT, 2002; BARTHES, 1984)

Se não existe o texto “pronto”, pode-se, talvez, falar no texto “final”, colocando-se como critério preponderante dessa adjetivação uma data, um prazo, um *deadline* que faça o escritor parar de escrever, não necessariamente quando considera ter escrito tudo o que queria ou como gostaria. Ao leitor, caberá ler talvez numa espécie de “coautoria”, como defendem alguns². A meu ver, cabe pensar em um diálogo no encontro entre texto e leitor, muita vez à revelia do autor, que fez, no entanto, sua proposta, não podendo ser desconsiderado nessa “fusão”³ – em especial, no caso da literatura.

É este mesmo historiador que vem afirmar, dando ênfase à atividade da leitura, que,

das análises que acompanham a atividade leitora em seus rodeios, percursos através da página, metamorfoses e anamorfofes do texto pelo olho que viaja, vôos imaginários ou meditativos a partir de algumas palavras, transposições de espaços sobre as superfícies militarmente dispostas do escrito, danças efêmeras, depreende-se ao menos em um primeiro enfoque que não se poderia conservar a rígida separação da leitura e do texto legível (livro, imagem, etc.). Quer se trate do jornal ou de Proust, o texto só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapam. (CERTEAU, 2008, p. 266)⁴

Neste trabalho, levando-se em consideração a escrita literária desde sua origem, nas mãos do escritor, até sua misteriosa circulação – por meio de livros ou não, pretende-se abordar, como sói ser, de maneira não conclusiva, a relação entre tecnologias digitais e leitura, mais aproximadamente a literária, mas do ponto de vista da produção editorial, isto é, não vou aqui tratar de aspectos

² Talvez se localize aqui a proposta de “lautor”, bem escrita por Bellei (2005).

³ Na expressão de Michel de Certeau (2008).

⁴ Manteremos a ortografia vigente à época das publicações citadas.

cognitivos ou de valor literário, propriamente, mas de questões que podem fazer pensar a produção editorial no campo literário, na contemporaneidade, em um cenário em que as tecnologias digitais de ler e escrever já podem ser consideradas incorporadas pela sociedade, mesmo que ainda haja problemas relacionados à alfabetização, à educação, ao letramento literário e até ao acesso e à conectividade tecnológica.

A discussão posta partirá de um intenso diálogo com a história das práticas da leitura, especialmente em Roger Chartier, mas também em outros autores. O historiador francês tem diversas obras traduzidas ao português, no Brasil, motivo pelo qual tem influenciado muito um modo de pensar o livro e sua circulação, entre os interessados nos estudos da edição e da produção editorial. Penso ser fundamental rever certas propostas de Chartier à luz do que vem acontecendo muito contemporaneamente, em uma tentativa de organizar argumentos esparsos em livros de sua autoria e discutir questões levantadas, à luz de alguns exemplos no Brasil, especialmente o de pequenas editoras e produções editoriais.

Da leitura e da tecnologia, com Roger Chartier

Uma pergunta, formulada por Roger Chartier, talvez me guie no empreendimento deste texto: “Como pensar a leitura diante de uma oferta textual que a técnica eletrônica multiplica mais ainda do que a invenção da imprensa?” (CHARTIER, 2002, p. 21). Essa formulação, datada, tem como eixo a comparação entre tecnologias de impressão e difusão muito distantes no tempo e no espaço, tais como a prensa tipográfica e o computador. A questão posta focaliza a “oferta textual” muito ampliada que temos hoje, mas que a sociedade da Idade Média também teve a impressão de conhecer. Parece haver qualquer incongruência ou assimetria incômoda entre as questões de leitura e de circulação de textos⁵.

⁵ Talvez seja interessante lembrar que enquanto a prensa era, sim, um equipamento dedicado à impressão (de folhetos, libelos, livros, livretos, etc.), o

